

UMA NOVA RONDA NA FALSA GUERRA DO IMPÉRIO DESCENDENTE CONTRA O NOVO NÚMERO UM

Posted on 30. Dezember 2019

Um ponto de vista da Wolfram Elsner.

A China é a nova número um, especialmente em termos de qualidade. O que este país, que segundo o Banco Mundial acaba de deixar o grupo dos países em desenvolvimento e chegou ao grupo dos países com um rendimento médio mais baixo, está a conseguir com o seu modesto rendimento per capita em termos de alavanca em todas as áreas da vida - na ecologia, segurança social, direito do trabalho, aumentos salariais, redistribuição para baixo, tecnologia, desenvolvimento urbano, equilíbrio regional, formas de propriedade, promoção do empreendedorismo em pequena escala, economia e finanças, mobilização social, participação e debate público, bem como na ajuda internacional e no desenvolvimento de infra-estruturas - é historicamente sem precedentes e simplesmente de cortar a respiração. Diante dos abrandamentos, da esclerose, das ineficiências e da incapacidade colectiva de agir no capitalismo financeiro neoliberal em declínio, desregulamentado e cada vez mais autoritário, os visitantes ocidentais da China ficam inicialmente sem palavras e espantados com a facilidade e rapidez das mudanças chinesas, a alegria dos chineses pela inovação e experimentação, desde o técnico da fábrica até ao presidente. Turbo-capitalismo, capitalismo de estado, ditadura, novo império, etc., todas essas velhas fórmulas eurocêntricas, muitas vezes também em variações das velhas idéias euro-intelectuais socialistas, dissolvem-se no ar diante da realidade chinesa, incluindo a vivacidade das discussões públicas, a vontade de mudar o próprio comportamento. Este novo número um é simplesmente diferente, e nós temos que questionar a nossa própria auto-concepção, a fim de compreender este multifacetado, dinâmico algo a caminho de algo realmente novo, que se pode chamar com confiança de uma fase inicial de um novo tipo de socialismo - não mais simples socialismo de estado de cima para baixo e não mais socialismo clássico de escassez e pobreza.

O facto de o Império, o único país na Terra que alguma vez fez uma reivindicação global e absoluta de domínio e também o praticou entre 1991 (fim da União Soviética) e 2008 (grande crise financeira, recessão contínua, a China como locomotiva económica mundial), é hoje reconhecível por todos, inevitavelmente, quase diariamente experimentado e acelerado por todos os trunfos de cada medida, desce para o número dois, dificilmente precisa de ser provado e justificado hoje em dia. As previsões bancárias relevantes para o ano 2030 já colocam os EUA no terceiro lugar. O mundo está mudando rapidamente para além dos EUA e

seus seguidores europeus - pelo menos de tal forma que eles não podem mais pará-lo. China, Rússia, Índia, Sudeste Asiático... novos arranques, novos actores globais, novas alianças.

Em doze dos quinze casos de tais constelações ascendentes/descendentes dos últimos 500 anos, houve uma guerra quente por parte dos jogadores relegados após a guerra económica. Se hoje, além das manobras permanentes da OTAN ao largo das costas da China (com o crescente envolvimento da Marinha alemã) e nas fronteiras da Rússia, os EUA ousassem atacar militarmente a aliança estratégica China e Rússia (o que não parece que vá acontecer neste momento), perderiam dois braços e duas pernas, e eles sabem disso. A China (China-Rússia) não pode mais ser derrotada militarmente. Segundo o ex-engenheiro militar americano e agora blogueiro freelancer Fred Reed, os dinossauros flutuantes dos EUA são notícia de ontem e podem facilmente ser afundados da China continental. Os bombardeiros furtivos dos EUA poderiam ser descobertos e derrubados a tempo com computadores quânticos chineses. Bem-vindo ao mundo do novo equilíbrio do terror, o segundo pior de todos os mundos. O único mundo pior hoje em dia seria o do domínio irrestrito do Império.

Por enquanto, portanto, o Império está limitado a uma escalada na guerra comercial, econômica, financeira e tecnológica. Aqui, por enquanto, ainda é possível escalar o que a indústria e os consumidores americanos, que são os que sofrem, ainda estão dando. A dissociação da China como estratégia de Washington, por outro lado, está isolando claramente os EUA. Wall Street, o maior fator dominante dos EUA, está dando o tom em Washington, seja o Trump e os republicanos ou os democratas. A indústria de fabricação de hardware, mesmo uma empresa da Apple ou da Microsoft, não pode mais se afirmar em Washington. Os métodos da guerra tecnológica há muito foram muito além das formas e mecanismos clássicos económico-tecnológicos, até as medidas arbitrárias e injustas, às quais há muito nos acostumamos no caso do império descendente, como exemplificado pela perseguição e punição das empresas chinesas ZTE (ao ponto de quase falência) e Huawei, a determinação pessoal do proprietário da empresa no Canadá, e a imposição geral das leis e decisões políticas dos EUA sobre os sistemas jurídicos dos seguidores. Tudo isto é altamente arriscado e existencialmente ameaçador para o império e pode resultar no zoom do próximo grande acidente nos EUA em 2020.

Rede internacional de oligopólios de mídia: Método Cartel de Citação - Protótipo Tiananmen

Assim, parece mais fácil jogar uma carta menos arriscada que ainda se tem à disposição, pelo menos nos países do império e seus apêndices na Europa, América Latina, Austrália, Japão, Índia, pelo menos no que diz respeito às suas próprias populações e sistemas de governo: as redes internacionais dos meios de comunicação de massa. Um oligopólio de empresas de mídia associadas, com considerável experiência de décadas na produção de mundos falsos, na escrita de sanções e eventos de guerra, ainda está firme e pronto para tudo, sem ser impressionado pelas mudanças no mundo. O seu novo rasto de sangue vai do Afeganistão ao Iraque, à Líbia, à Síria e a muitos outros países.

Em relação à China, o protótipo da Praça Tiananmen já tinha sido testado com sucesso desde 1989. Até hoje, um em cada dois papagaios ainda papagaio a fórmula do massacre de Tiananmen, como substituto do conhecimento e da aprendizagem, e quase como ocidental, liberal de autoconfiança, fundação da identidade e garantia de pertença. O facto de haver jornalismo de investigação crítico suficiente na era da Internet para ter finalmente reconstruído e esclarecido o evento de Tiananmen não afecta a indústria da comunicação social internacional e, portanto, nunca atinge o cidadão ocidental médio bem comportado, nem mesmo o profissional verde estudado e criticamente compreensivo. Portanto, não ajuda que, como de costume após 30 anos, os arquivos das autoridades americanas de 1989 tenham sido lançados no início de 2019 e tudo possa ser reconfirmado. Por exemplo, que o embaixador dos EUA na China, na época, telegrafou para Washington e informou que a praça tinha sido limpa sem mortes, nem mesmo ferimentos graves. Durante os protestos que ocorreram em toda a cidade naquela época, e como resultado da repressão pelos militares chineses, várias centenas de pessoas foram mortas, de acordo com relatos .

O "Massacre da Praça Tiananmen", porém, que se queimou na memória coletiva do público ocidental, não ocorreu, segundo testemunhas oculares .

Uma reavaliação factual dos eventos não é, no entanto, do interesse da indústria da mídia. O método é o mesmo que para cada um dos oligopólios apertados que dominam as últimas indústrias capitalistas: Como os cartéis são muitas vezes oficialmente proibidos, mas o voto informal entre os poucos não é problema

algum, é como as indústrias petrolífera, siderúrgica, automóvel, etc. -cartéis: Um deles tem de se revezar para aumentar os preços, os outros podem seguir o exemplo rapidamente. No entanto, as indústrias oligopolistas da mídia ocidental não são apenas cartéis de preços, mas também formam um cartel internacional de citação, que está consciente de sua tarefa político-ideológica na "comunidade de valores ocidental".

Em 16 de novembro de 2019, foi a vez do New York Times dar continuidade e, sobretudo, reacender o tema dos Uighurs, gradualmente cansados, na província autônoma chinesa de Xinjiang. Mais sobre isto abaixo. Mas primeiro ao tópico Uyghur, já que tem sido uma lenda do acampamento nos meios de comunicação "liberais" de combate há bastante tempo.

Uyghurs, o Primeiro: Terrorismo e Notícias Falsas de Mão na Mão

Religião e etnia parecem ser duas áreas notáveis na história da humanidade que podem ser, e hoje mais do que nunca, arbitrariamente extremadas para criar tensões e conflitos, dividir nações, destruir estados ou iniciar guerras. Quando as etnias e as religiões se unem estreitamente como outras, como criadores de identidades extremas, isso parece particularmente óbvio. As ideias de coexistência pacífica, de coexistência pacífica, de iluminação e tolerância, de diversidade e, portanto, de resiliência das sociedades que poderiam sair dela, têm sido bem sucedidas na história vezes sem conta, como por exemplo nos dois impérios persas ou no estado multiétnico pós-revolucionário da China, onde as minorias étnicas foram protegidas nas suas lutas pela libertação da opressão colonial, receberam o seu estatuto de autonomia e foram sempre excluídas, por exemplo, da política de limitação da população, da política de uma criança e, mais tarde, da política de duas crianças. Em um mundo de superpopulação, a luta por recursos cada vez menores, guerras sistêmicas e o estresse permanente resultante, porém, tais conquistas parecem estar novamente sob maior ameaça.

A província autónoma Uighur de Xinjiang fazia parte do império chinês há mais de 2.000 anos (com interrupções). Uma boa metade dos Uighurs são muçulmanos. No âmbito da política chinesa sobre religião, nacionalidade e minorias, com liberdade religiosa e, em grande parte, auto-governo regional, o

fundamentalismo islâmico tem aparentemente sido capaz de se espalhar em Xinjiang ao longo das últimas três décadas. Tem, e tem, paralelo às tendências no Próximo Oriente e na região árabe, e também paralelo ao cristianismo e outras religiões, também na Ásia Central e Oriental, se tornam politizadas, fundamentadas, extremadas e desenvolvidas em direção à violência, certamente também como reação a séculos de opressão colonialista e exploração imperialista pelo Ocidente (claro que um dos maiores tabus do próprio Ocidente).

Como resultado, há alguns anos atrás, a notícia de que 3.000 terroristas islâmicos Uighurs lutavam do lado do ISIS e dos terroristas da Al-Qaeda na Síria fez com que as pessoas se sentassem e tomassem nota; por vezes falava-se de 8.000 a 10.000 combatentes; algumas fontes até falavam de 20.000 terroristas Uighur. Hoje, segundo relatos, eles estão sendo transportados como tropas mercenárias móveis do Extremo Oriente para o Oriente Médio para causar estragos físicos, sociais e psicológicos nas ruínas das quais os regimes terroristas "divinos" da Idade da Pedra podem então ser construídos.

Isto não só atesta as capacidades organizacionais e logísticas altamente desenvolvidas disponíveis para o terrorismo internacional, que também devem ter sido construídas em Xinjiang, mas talvez também o fato de que a política de minorias chinesas parece ter saído do controle com o objetivo de coexistência pacífica de grupos étnicos, ampla autonomia e liberdade religiosa em Xinjiang.

No entanto, milhares de terroristas Uighur do lado do "Estado Islâmico" ou outros grupos terroristas da Idade da Pedra dificilmente têm mantido a "imprensa livre ocidental" ocupada ou mesmo preocupada com o estado do mundo. Ela não condena e condena os terroristas por princípio, mas sempre os avalia e, se necessário, os produz de forma pragmática e tática, de acordo com o poder e a utilidade geopolítica. Como disse certa vez o presidente dos EUA, F.D. Roosevelt, sobre um de seus carrascos latino-americanos, o ditador nicaraguense Somoza: "Ele é um filho da puta, mas é nosso filho da puta".

Os Uighurs islâmicos, mesmo que fossem "filhos da mãe" terroristas, poderiam possivelmente ser usados na guerra ideológica e real contra o novo desafiador do império. Aparentemente, após a sua relativa derrota na Síria, as forças islamistas deslocaram-se para Leste para assumir uma posição militar contra a China

Infelizmente, a China não é um "filho da mãe" nem seria "nossa". O dobro de azar para a China. Não pode contar com a simpatia ou apoio do Ocidente contra o terrorismo.

Uma organização Uyghur que também quer separar Xinjiang da China há muito tempo é o Partido Islâmico Turco, que já realizou muitos ataques na China. Afinal de contas, a UE também a considera oficialmente como uma organização terrorista. Este "partido" criou uma organização na Síria e tem lá pelo menos várias centenas (algumas fontes falam de vários milhares) de "lutadores de Deus". A própria China fala de numerosos ataques terroristas em Xinjiang durante muitos anos, que causaram não só mortes mas também danos materiais consideráveis à infra-estrutura - que, no entanto, já foi zerada há dois anos.

Estes fatos são de muito pouco interesse para o mundo da mídia ocidental. Tudo o que a China possa ter feito para combater o terrorismo islâmico em Xinjiang, é "ditatorial" e "desumano". Os Uyghurs são agora de repente o povo perseguido, oprimido e encarcerado. E aqui novamente, a mesma gênese da falsificação global: alguém tem que colocar a história no mundo e estabelecer o regime linguístico para que a citação carrossel comece a girar, no final da qual ninguém sabe de onde veio a "mensagem", mas todos "sabem" que é a verdade, caso contrário não trariam todos eles, mesmo aqueles que de outra forma se pensaria conhecer como fontes "sérias" burguesas. Mas na guerra ideológica contra a China não há meios de comunicação social ocidentais mais sérios - tal como nenhum meio de comunicação se teria oposto à histeria de guerra contra o Afeganistão, Iraque, Líbia ou Síria e teria representado os valores civis do direito internacional.

Na primeira rodada dos Uyghurs, o Taz mais uma vez teve uma grande aparição na imprensa alemã, que por acaso tem a vantagem de ter um correspondente chinês em Felix Lee. Para ele Xinjiang estava subitamente morto, ou pelo menos quase: "silêncio da sepultura", de qualquer forma, segundo Lee, prevaleceu no "grande campo penal" Xinjiang .

E isto apesar de ser o lugar onde o correio está a sair agora mesmo, a grande nova rota da Rota da Seda, com Urumqi como centro principal, com todo o tipo de infra-estrutura, internet rápida, e-mobilidade e maior rendimento para Xinjiang. Certamente, nem todos os Uyghurs tradicionais vão gostar tanto de partir e aumentar a prosperidade. Mas o facto de, por esse motivo, estarem a ser construídos campos para um a três

em cada dez milhões de Uyghurs, ou seja, 30% da população, soa como uma pistola de assalto, desde o primeiro pensamento. Foi semelhante durante anos com o Tibete. Hoje as pessoas viajam no "Bullet-Train" de Lhasa para Pequim ou outro lugar. E quase ninguém quer um Lamaísmo da Idade da Pedra de volta. Xinjiang como a próxima estação de um "circo ambulante" separatista, medieval e terrorista e um exército militar e mercenário da mídia? Vamos ver. De qualquer forma, uma foto de meia página no Taz já deixou claro que Xinjiang é de alguma forma sombrio ou pelo menos há sempre um espesso smog amarelo no ar. As fotos foram tiradas no nevoeiro ao anoitecer e/ou pós-processadas com um filtro cinzento-amarelado. O clássico da ficção científica *The Rattlesnake*, que foi ambientado em Manhattan pós-apocalíptico, enviou suas saudações. O sol também nunca passou por lá. E aí estava finalmente: "A maior prisão em massa de uma minoria da população", e de repente, pelo menos "a cada dez" estava no "campo de reeducação".

A fonte era um "relatório de uma comissão dos EUA"(!) não verificável. Na sua própria viagem por Xinjiang, Felix Lee não tinha localizado os campos de massa. Mas, como é bem sabido, tais bagatelas não são importantes na imprensa da sarjeta e numa história tão importante, onde todos os políticos estabelecidos e transformados podem trabalhar psicologicamente do seu antigo maoísmo e do seu desapontamento com o fim da eterna Revolução Cultural. Do lado da Amnistia Internacional, o mesmo Felix Lee, pelo menos, disse de certa forma no papel que os campos eram "invisíveis" Obviamente uma estratégia particularmente insidiosa dos comunistas chineses.

No entanto, o jornalismo crítico de investigação tinha agora rastreado a história através da Internet e trazido à luz alguns factos espantosos. Por isso, também aqui existem especialistas em TI inteligentes e experientes que podem reconstruir tudo, expondo contradições e inconsistências, com a ajuda da rede mundial, onde todos os traços da criação de uma história podem ser rastreados .

Dois jornalistas profissionais alemães, por exemplo, prepararam e documentaram o material internacionalmente disponível para os leitores alemães, e traçam um quadro completamente diferente de Tagesschau, Taz & Co. De acordo com isto, o islamismo político-extremista e terrorista internacional com as suas ideias pós-humanas de coexistência humana tem vindo a posicionar-se deliberadamente há já algum tempo contra a China do Médio Oriente. A propósito, agora há material de filme suficiente disponível (e até

mesmo disponível nos arquivos da ARD) mostrando atos maciços de sabotagem e ataques a bomba por terroristas em Xinjiang. Está também provado que os jihadistas querem esmagar as estruturas estatais em Xinjiang e substituí-las por um reinado de terror, um inferno do qual apenas centenas de milhares de pessoas traumatizadas na Síria acabam de ser libertadas.

O fato de que as ondas de indignação e histeria nos meios de comunicação ocidentais não só lavam o jornalismo subterrâneo, que não sabe mais o que é pesquisa jornalística ou independência, mas também está associado a simples erros técnicos que depois são facilmente expostos, não perturba o cartel de auto-citação e campanha, porque para sua própria população, que é o verdadeiro foco aqui, a sabedoria dos antigos gregos e romanos (voltando a Plutarco) é dirigida a ele:

"Audacter calumniare, semper aliquid haeret".

No entanto, a perseguição adicional do hype Uighur até a sua fonte já tinha sido realizada há muito tempo a nível internacional e trouxe à luz o seguinte:^{15]} A fonte foi Gay McDougall, o representante dos EUA no Comité da ONU para a Eliminação da Discriminação Racial, que, para distrair da verdadeira discriminação racial nos EUA, conduziu uma entrevista à agência noticiosa Reuters do império global de notícias Thomson-Reuters, propriedade privada do multimilionário Roy Baron Thomson da Frota, sozinho e sem autorização do Comité. Nesta entrevista, a senhora sugeriu que ela estava falando pelo comitê da ONU e mencionou certas "descobertas" de mais de dois milhões (números de até 3,5 milhões rapidamente circulados) "internou" Uighurs. A negação oficial do presidente do comitê da ONU alguns dias depois, de que não havia nada de tal constatação, não valia naturalmente uma linha para a imprensa de valores ocidentais. A bomba mentirosa tinha sido colocada no mundo e agora podia circular sem fatos no carrossel de citação para os próximos anos, desdobrar-se livremente e cumprir sua função na agitação dos direitos humanos contra a China. De forma correspondente, poderia ser provado que todos os links para "campos de internação para Uyghurs" em nenhum caso levam a fontes da ONU, mas sempre se referem a sites do governo dos EUA como fontes.

A propósito, ocasionalmente, há nomes de tais opositores chineses que por vezes são apresentados como representantes de ONGs, mas que, numa inspecção mais atenta, defendem uma conquista colonial da China ou se distinguem como apoiantes das guerras e campos de internamento dos EUA.

De volta aos factos: Se a China tem uma vontade de sobreviver, o que se pode supor que tem, não terá esperado até que a onda da SI e da al-Qaeda tenha chegado completamente a Xinjiang e aberto outro Afeganistão-Iraque-Líbia Síria com os seus apoiantes. Também consideramos notável a seguinte consideração dos dois jornalistas de investigação alemães no Mar Falso: "Criminalizar uma minoria étnica sem razão seria o fim de um Estado multiétnico, cujo desenvolvimento sem precedentes não só alimentou o povo, como também lhe deu educação, auto-estima e perspectivas sólidas para o futuro". Pelo contrário, os jornais chineses estão cheios de retratos positivos da diversidade étnica e tradições étnicas específicas nas províncias ou condados. Além da infra-estrutura e das conexões com a Nova Rota da Seda, há também uma ofensiva de treinamento em Xinjiang, e sim, também na forma de internato. Tudo isso se chama desenvolvimento, esclarecimento (contra o extremismo religioso) e formação (vocacional), que uma vez pertenceu ao "desenvolvimento", mesmo no ideal burguês. O capitalismo financeiro neoliberal em declínio e incompetente, que só pode redistribuir para cima, para os 0,1%, há muito tempo teve que trocar esses ideais por sua inclinação para sua própria tirania e o terrorismo de suas forças auxiliares fundamentalistas. Somos testemunhas da mudança radical na história.

O que podemos aprender com "Uyghurs, o primeiro" para "Uyghurs, o segundo"?

Assim, foi a vez do New York Times, em 16 de novembro de 2019, de publicar muitas páginas no script chinês, supostamente vazadas de fontes do governo chinês. Entre outras coisas, diz-se que contém discursos de Xi Jinping pedindo um curso de ação contra os Uyghurs que fosse o mais forte possível, bem como diretrizes estatais com o mesmo enfoque, declarações de estudantes Uyghur por ocasião de seu retorno para casa durante as férias semestrais cujos parentes haviam desaparecido, etc. Tudo isso foi ampliado pela repetição 1:1 das falsificações do primeiro ato Uyghur (acima) e outras narrativas anticomunistas bem conhecidas dos tempos da União Soviética. A citação do carrossel está de volta: todos os meios de comunicação têm circulado as mesmas frases desde então e, sobretudo, estão agora

supostamente "reconfirmados", revivendo as velhas falsificações do primeiro acto Uyghur. Em uma inspeção mais detalhada, o segundo ato serve para repetir as narrativas falsas do primeiro.

Um exame do assunto por jornalismo de investigação ou a investigação crítica relevante ainda não pôde ter lugar. Afinal de contas, o NachDenkSeiten (Jens Berger) já fez algumas pesquisas iniciais: Um dos multiplicadores e amplificadores, o veterano libertador russo e chinês com um profundo fundo castanho e excelentes ligações aos think tanks e serviços secretos norte-americanos, um certo Adrian Zenz, parece agora ser a pessoa certa para que tanto a comunicação social pública como a privada passem pela comunicação social como "testemunha" e "especialista" no segundo acto. O NachDenkSeiten pesquisou as informações esparsas e aparentemente sérias sobre este homem e se deparou com surpreendentes conexões internacionais de rede estaduais-secretos-marrom: Evangélica "Comunidade Missionária Chinesa", "Academy for World Mission", "Columbia International University", "Victims of Communism Memorial Foundation", "World Anticommunist League", "Committees for a Free China", "Western Goals Foundation", rede de think tanks americanos, etc., etc.

A propósito, o especialista conhece muito bem a China, como sugere o Tagesschau: Ele já esteve na China uma vez, em 2007, como turista. Isso parece ser o suficiente para o Tagesschau. Em sua luta desesperada pela soberania da interpretação, a elite da mídia alemã não está muito mal para cerrar fileiras com Guerreiros Frios duvidosos. E assim continua, a citação carrossel do "jornalismo de qualidade" baseado em valores. Mas o mundo lá fora, a propósito, uma esfera e não um disco, também está girando e não pode ser parado.

Fontes:

1. <https://www.rubikon.news/artikel/das-fake-massaker>
2. <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB16/#d12>
3. https://search.wikileaks.org/plusd/cables/89BEIJING18828_a.html
4. <http://www.muetter-gegen-den-krieg-berlin.de/Syrerischer-Fluechtling-an-Bundeskanzlerin.htm>; besucht 11.6.2019.

5. <https://apnews.com/79d6a427b26f4eeab226571956dd256e>
6. Zum Beispiel:
<https://www.heise.de/forum/Telepolis/Kommentare/EU-Mikado-Sanktionen-gegen-Russland-bis-2016-verlaengert/Er-ist-ein-Hurensohn-aber-er-ist-unser-Hurensohn/posting-20920466/show/>;
besucht 28.10.2019.
7. <https://apnews.com/79d6a427b26f4eeab226571956dd256e>
8. Zum Beispiel: https://en.wikipedia.org/wiki/Turkistan_Islamic_Party_in_Syria; besucht 28.10.2019.
9. Felix Lee, "Grabesstille über Xinjiang", taz 17.7.2018, S. 1, 4-5.
10. <https://www.amnesty.de/informieren/amnesty-journal/china-xinjiang-im-land-der-unsichtbaren-lager>; besucht 11.6.2019.
11. Dokumentation von Ajit Singh, "No, the UN Did Not Report China Has 'Massive Internment Camps' for Uighur Muslims", *gray zone. Original journalism and analysis*; <https://thegrayzone.com/?s=Uighur&orderby=relevance&order=DESC>; besucht 19.6.2019.
12. Bräutigam, Klinkhammer, "Es bleibt immer was hängen", www.publikumskonferenz.de 16.03.2019; https://publikumskonferenz.de/blog/2019/03/16/es-bleibt-immer-was-haengen-ard-aktuell-und-die-antichinesische-propaganda/?utm_source=Nachrichten-Fabrik.de&utm_content=link
13. Siehe etwa: <https://www.tagesschau.de/multimedia/video/video1396056.html>
14. Vgl. Bräutigam, Klinkhammer
15. Mit weiteren Quellenlinks: V. Bräutigam, F. Klinkhammer, "Der Sudeljournalismus. Die ARD verbreitet Fake News gegen China", *rubikon.news* 18.8.2019; <https://www.rubikon.news/artikel/der-sudeljournalismus>; besucht 12.6.2019.
16. Ben Norton und Ajit Singh, "No, the UN Did Not Report China Has 'Massive Internment Camps' for Uighur Muslims", <https://thegrayzone.com/2018/08/23/un-did-not-report-china-internment-camps-uighur-muslims/>
17. Ebd.
18. Ausf. Dokumente und Links ebd.
19. Bräutigam, Klinkhammer, "Es bleibt immer was hängen", s.o., ebd.

20. *China Daily* 13.7.2018, S. 19.

21. <https://www.nytimes.com/interactive/2019/11/16/world/asia/china-xinjiang-documents.html>.

22. <https://www.nachdenkseiten.de/?p=56639#more-56639>

Em 06.04.2020 o novo livro de Wolfram Elsner será publicado pela Westend Verlag:

Sem medo da China - Como o novo número um está mudando o mundo



+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Este artigo foi publicado pela primeira vez pela [Westend Verlag](#).

+++

Fonte da imagem: Tokareva Irina / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



Bitcoin endereço:18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK